

O REPUBLICANO

EDITOR E ADMINISTRADOR,
António de J. Teixeira
Comp. e imp. Tip. Minerva Vimaranesse

PROPRIEDADE
— DO —
Centro Democrático Vimaranesse

REDACITOR PRINCIPAL,
Eduardo d'Almeida
Red. e adm. Rua de Gil Vicente

Tentativas criminosas e cobardes

E' o que se vinha, um pouco por toda a parte, dizendo—um movimento revolucionário procuraria, desonrando para sempre o nome português, impedir a cooperação das nossas forças com os exércitos aliados. O estado social—mais um alarmante resultado da degradação pelo analfabetismo e pela consequente incompreensão dos deveres cívicos—mostrava-se terreno propício, de estrumeira anárquica, ao profissional banditismo dos desordeiros, aquêles que não tem outra política, na cerebração e no sentimento, que não seja a de, vá como fôr e dê o que der, enfraquecer ou, sendo possível, derrubar o sistema republicano, pois que os dementou um ódio jacobino, estúpido de intolerância, feroz de revindicta, á Republica. Havia a facil exploração dos esfomeados, pelo menos tão vil como a dos açambarcadores, apontando o governo como unico culpado da crise de subsistencias, a segregar aos ouvidos dos que sofrem o alucinado conforto da revolta; havia a inqualificável cobardia de aventureiros disfarçados deixando perceber á gente ignorante que bem se puderia evitar que o nosso sangue corresse nos campos da batalha. Depois, e desde a queda do absolutismo, a insubordinação esbracejante e indefinida lavra entre nós, com pequenos intervalos de modorra, como uma doença endémica. A tarefa conspiratória tornava-se, pois, extremamente simples.

Donde veio? Da cobardia.

Felizmente, mais uma vez, o bom senso popular gorou, logo á nascença, a tentativa revolucionária que, dentre todas as que se tem erguido contra a Republica,

ficará marcada como incontestavelmente a mais criminosa. Mas é desgracadamente vergonhoso que um pequeno país e um honrado povo andem á mercê de despeitados, de megalómanos e de cretinos, pois que apenas dêste jaez são os homens que vemos agrupados formando a tropa fandanga. Diga-nos em sua consciencia o leitor, monárquico ou republicano, que sinta um puro amor patriótico, a que sepultura de vergonha e indelével ridiculo não desceria o nobre Portugal se a louca tentativa houvesse conseguido vencer... A suprema canallhice!

Mas não nos apanharam desprevenidos. Aqui fomos apontando sintomas certos da revolta que se tramava. Quando certos figurões esfregam as mãos, a garotice anda escodinhando o ensejo. As ultimas noticias dão-nos a certeza do governo ter conseguido energicamente dominar o movimento. Como muitos, bem conhecidos de resto, ficaram em casa, as investigações serão mais uma vez reduzidas e imperfeitas. Que ao menos, e aquêles cujas responsabilidades ficaram suficientemente apuradas, a Justiça, em nome da Pátria, conduza onde não possam enxovalhar a nossa dignidade de portugueses.

Não se trata apenas de defender o regimen que tem aliás esse dever, rudimentar dever de conservação; trata-se também e sobretudo de salvar Portugal da conspirada desonra onde queriam afunda-lo.

E' preciso que o estrangeiro nos não confunda, a nós, soldados e cidadãos portugueses, com os infamissimos cobardolas. Eis o que não deve ser, esse é o caminho apontado ao governo.



A Fábula do Homem

O homem comparado aos animais,
A tantos deles, grandes e pequenos,
Em tudo quanto vale,
E' raras vezes mais,
E' muitas vezes menos,
E quasi sempre igual.

Mitiga
A fome
Como a formiga,
Trabalhando,
Molrejando,
E merecendo assim o pão que come.
E enquanto vive bem e tem saúde,
Tem virtude.
Ah! mas, em pleno góso da ventura,
Valdoso de si próprio, é um pavão;
Embora como este também seja
Inofensivo, próbo,
Porque nada deseja.
E só não é pavão, para ser lobo
Voraz e com bravura,
Se tem uma ambição.
Que, em verdade,
A valdade
E' nele o menos,
Porque é dos seus defeitos mais pequenos.

Se tem valdade, simplesmente expande
A gloria de ser bom, ou de ser grande,
Ou mais forte, ou leal, do que ninguém.

Porém,
Se tem inveja,
Morde como um cão,
Qualquer que seja
A sua condição.
Ou faz-se humilde, como o cão, também,
Se quer o que não tem.

Hipócrita, talvez! Mais vil se torna,
Se acaso oculta no seu ar tranqullo,
No seu aspecto disfarçado e sorna,
O gesto com que avança...
Então, é crocodilo!
Chora—fingido—como uma creança!...

Atribue-se o direito e a justiça
De ter a vida sensual do gato
Que come e dorme, e farto se espreguiça...
(E nisto é ele esperto como um rato!)
Mas, como que transmigre
O gato em tigre,
Na defesa
Do que ele considera
A fortuna, o dinheiro, a sua presa,
E' uma fera,
Tanto ou mais perigosa, com certeza,
Do que a pantera!

O homem afinal, infelizmente,
E' o que sempre foi!
Se no labor da vida é diligente
Como o boi,
Mesmo assim, lida importa conhecê-lo...
O mais sereno, dócil e possante,
Senão fôr outra coisa é ruminante:
Tem três estômagos como o camelo,

Enfim,
Disse-me a experiencia
A' consciencia
Que o homem era assim!
Pois só quando é creança, é como a arvela,
Tão delicado e puro como ela!

(Neste confronto
Vêde o conceito...
Pondo de parte o que exagera o conto
E que é defeito.)

JOÃO DE DEUS RAMOS.



Paços do Concelho

Dos onze projectos apresentados, apenas seis, cujas divisas são: Via Maris, Ite Et Vines, Lusitânia, Araduca, Ourique e Citânia, obtiveram a classificação em mérito absoluto, dos quais três se impuzeram imediatamente á classificação em mérito relativo e cujas divisas são: Lusitânia, Ourique e Citânia. Efectuada a votação pela sua ordem deu esta o seguinte resultado: votado para primeiro prémio o projecto cuja divisa é Ourique; para segundo o projecto cuja divisa é Citânia; e finalmente para terceiro o projecto cuja divisa é Lusitânia. O projecto Ourique classificado em primeiro lugar, realiza o partido architectónico que melhor convem adoptar para a construção do futuro edificio dos Paços do Concelho de Guimarães. Evoca, pelo seu caracter, as antigas casas das Câmaras Municipais, repletas de tradições da Idade Média, com a sua torre de menagem; reata ainda a tradição estrutural do actual e velho edificio, conservando-lhe o típico vestíbulo aberto e fazendo a evolução do seu estilo, actualizando a sua composição geral em harmonia com as necessidades do moderno edificio a erigir. Resolve também com maior critério o velho problema da conjugação, no mesmo edificio, dos diversos serviços públicos, de funções tam diferentes, grupando-os em bloco. O projecto manifesta ainda, com segurança, a capacidade tecnica e profissional do seu autor, garantia esta indispensável para a realização da obra. Há apenas um ponto notável para o caso da sua execução e para o qual o júri ousa chamar a esclarecida atenção do autor; é o da construção do pilar correspondente a um dos angulos da torre que através do andar nobre e a certa altura suporta tam grande carga. O projecto classificado em segundo lugar com a divisa Citânia sendo

menos característico em vista da tradição local, apresenta-se entretanto com uma perfeita e regular composição do partido clássico, acusando maiores dimensões nas salas principais mas em peores condições no que diz respeito ás instalações dos diversos serviços públicos reunidos no mesmo edificio. O caracter das suas fachadas, se bem que correctamente tratadas, não oferece originalidade. O terceiro classificado cuja divisa é Lusitânia é menos feliz na composição geral do que os dois primeiros premiados, tendo entretanto grandes qualidades de composição que caracterizam as suas fachadas, muito especialmente a fachada principal; só prejudicada pela torre—Campanilo—que a remata em discordância com o seu estilo. E' projecto que revela ponderado estudo e por isso digno da classificação que lhe foi conferida. Entende ainda o júri, ser muito notável o projecto cuja divisa é «Ite et vines» que, não só pela nota típica que oferece (se bem que esta seja mais própria doutra região) como também pela sua interessante assimetria de partido da planta. Pena foi que para conseguir tam justificada e racional amplitude do pateo interior tivesse sacrificado as dimensões de algumas peças que deviam ter outra importância. Entre outras, citamos o gabinete do juiz e os cartórios dos escrivães que até perderam os seus respectivos arquivos, dispositivos estes, a que o programa claramente alude. O seu custo que a verba orçamental ainda não comportaria, era todavia aquêle que mais se aproximava da verba global estabelecida no proprio programma. Pelas razões apontadas entende o júri que este projecto é digno de especial atenção, pelo que propõe lhe seja conferida uma menção honrosa. Para concluir tem o júri a honra de pon-

derar á excellentíssima Câmara Municipal de Guimarães, como questão prévia, a do orçamento, que, considerada uma questão anormal no tempo presente, permitirá á Excelentíssima Câmara conferir, se assim o entender, os prémios previstos no seu programma de concurso. São estes e pela seguinte ordem. Em merito relativo. Primeiro prémio no valor de 1:500.000 escudos ao projecto cuja divisa é «Ourique» e do qual se verificou ser seu autor o senhor Architecto José Marques da Silva. Segundo prémio no valor de 500.000 escudos ao projecto cuja divisa é «Citânia» e do qual se verificou serem seus autores Carlos de Sousa, José Luís Ferreira e Antonio Martins Rosas. Terceiro prémio no valor de 250.000 escudos ao projecto cuja divisa é «Lusitânia» e do qual se verificou ser seu autor Edmundo Tavares. Em merito absoluto. Aos projectos cujas divisas são «Ite Et Vices, Araduca e Via Maris». No projecto com a divisa «Ite Et Vices» foi conferida uma menção honrosa. Todas as classificações foram votadas por unanimidade. Guimarães e Sala das Sessões da Câmara Municipal em 25 de Novembro de 1916.

O Presidente do Júri,

Mariano da Rocha Felgueiras.

Os Vogais,

Abel de Vasconcelos Cardozo

Leonel Gaia

José Alexandre Soares

Antonio Peres Dias Guimarães.

PORTO, 8—12—1916.—Sr. redactor do jornal O Mundo—Por achar justa e portanto certa a publicação desta carta no seu conceituado jornal que, principalmente, tem levantado o protesto por indicação dos meus colegas não classificados no concurso para o edificio dos paços de concelho de Guimarães, é que eu aproveito a occasião para esclarecer o que á minha lealdade julgo dever. Como um dos autores do projecto classificado com o segundo prémio, embora eu reconheça todos os protestos nos casos desta natureza, ainda que aos protestantes não coubesse a menor sombra de justiça, (tal é o estado em que me deixaram os concursos da nossa terra) venho declarar em meu nome pessoal, perante a câmara de Guimarães, perante o júri que julgou os trabalhos e perante os colegas, concorrentes ou não, que, julgando eu ter sido escravo, tanto da área (1:200 metros quadrados) como da verba (60.000.000) estabelecidas nas bases do concurso, assumo assim inteira responsabilidade da execução da obra, caso a isso fosse impellido, quer dando fiador idoneo, ou fazendo-me empreiteiro dentro desta verba que é quando dá o meu orçamento, com os preços fornecidos pelas obras públicas do Porto. Nada sei nem pretendo saber das disposições em que se encontram os classificados com os 1.º e 3.º prémios: por mim é tudo quanto se me oferece dizer a titulo de esclarecimento.—De v. etc.—Carlos de Sousa, architecto.



Dr. José d'Alpoim

Não vimos lamentar a sua morte no estilo por demaislouvaminheiro de certos que procuram engordar a vaidosa prosápia criando uma côrte de admiradores entre aquêles próprios que a tódio o despropósito elogiam. Nem tam pouco foi preciso que a morte quebrasse a formosa energia do admirável e audaz lutador para que nós, em tantos lances impenitentes adversários políticos, encontremos na consciencia e forcemos a lealdade a dizer palavras de justiça e de piedosa e comovida veneração. Quando, no verão, quizeram impedir o Dr. José d'Alpoim de exercer livremente

a sua profissão de jornalista, que tanto illustrou com o seu engenho magnifico, nós, tão facilmente acusados de demagogos pelos jacobinos da peor espécie, nestas mesmas columnas verberamos indignadamente a coacção, manifestando a nossa inabalável solidariedade. São, pois, bem sinceras as palavras de sentimento que estamos escrevendo pela sua morte. José d'Alpoim, com quem apenas uma vez trocamos ligeiros cumprimentos no Ministério da Justiça, era um politico, um jornalista e um orador.

Como politico elle impôs-se, num tempo em que na politica monárquica ainda não tinham chofrado os sub-mediocres, como sintetica e precisamente os definiu, pelas suas qualidades de combatente denodado, espirito esclarecido, intelligencia aberta ás correntes liberais que o empolgaram, dedicação firme, constantemente provada, pelos amigos, a energia precisa para correr tódos os riscos da sua acção. Na politica e no jornalismo foi, como não podia deixar de ser, muitas vezes oportunista—mas ninguem o pudera acusar com verdade de haver mesmo ligeiramente renegado os principios fundamentais de que fez o seu credo e que sempre conservou no seu programma. O oportunismo de José d'Alpoim não andou alugado ás conveniências do estomago. Foi, embora um pouco acentuado, o oportunismo de tódio o homem politico: o que elle sabia, fina tempera de polemista, era tirar partido da situação, ferindo os adversários tenaz, incansavelmente. Quem alguma vez leu os seus primeiros artigos de jornal, o acompanhou na redacção do *Reporter* e viu, depois, as suas *Cartas de Lisboa* e *Cartas de Viagem* reconhece que se foi sensivelmente aperfeiçoando até se tornar, que o foi, um belo jornalista, pitorresco, erudito, com sabor classico, na sua prosa limpidissima, ardente, impulsiva, espontânea. Nunca o ouvimos discursar. Mas da leitura dos seus discursos parlamentares e de notas das suas conferencias, bem como do relato amigo de muitos dos seus companheiros no parlamento, a impressão nitida nos ficou de que foi um orador de raça, vivo, emocionante, florido, atlético. Instruído piedosamente na nossa historia, ao par do movimento literário, vivendo, queimando a vida, fulminava e comovia com os seus rasgos oratórios.

Foi por certo muita vez nosso adversário. Mas foi um homem que honrou a sua Pátria.

A sua memória—a nossa homenagem respeitosa, sentida, leal.

Continua a discutir-se o importante problema da organização administrativa, acentuando-se a corrente de que ella será, em alguns países, alterada profundamente depois da guerra. O deputado francês *Jean Hennesy*, no seu livro—*Régions de France*—, reuniu os discursos e os projectos de lei que proferiu e apresentou na Câmara sobre a questão. As principais modificações que defende podem resumir-se nas seguintes: regionalismo económico, ou divisão da França em grandes regiões segundo as suas características económicas; assembleias regionais de caracter profissional ás quais pertenceria, em grande parte, legislar livremente; modificação das funções dos sub-prefeitos, que ficariam sendo como uns inspectores directos da administração geral.

Já tivemos occasião de notar, analisando um projecto de lei do mesmo deputado, que tinhamos como errado, insufficientemente, o seu critério de regionalismo, pois que não deve apenas atender-se á vida económica, por mais im-

portante que seja, mas a um conjunto de tradições, de costumes, de dialectos... que muito naturalmente separam, no mesmo país, os seus diversos agregados. E' isso, entre nós, bem facilmente reconhecível. Semelhante divisão administrativa, que tem aliás, em Portugal antecedentes históricos e legais, seria bem facil—se a não impuzesse, como impôu, um certo numero de ponderosas razões. E queremos crer que mais tarde ou mais cedo ha de fazer-se.

Defendemos já também a criação das assembleias provinciais ou regionais, com funções legislativas, discordando em que nelas se atenda apenas ao critério profissional. A experiencia tem demonstrado que os melhores defensores das profissões são ainda... os que vivem fóra delas, pois que mais imparcialmente coligam os interesses opostos e medem o valor da respectiva justiça, sem exagerado protectionismo e sem descabidos vexames para os não profissionais—os operários, os consumidores.

Errata

Vá lá, por excepção. No artigo de fundo de hoje, 2.ª columna, onde se lê—anda escodinhando enseo—devia estar—anda escodrinhando enseo.

Aproxima-se o Natal. Para quantos não será um dia de incerteza e dor?

Ainda agora, ali numa mercearia, uma velhota perguntou a uma outra mulher do campo:

—Então o seu home?

—Venho agora do hospital.

Tem aguentado o leite mas o doutor diz que não é para durar. Vê-se que está mal, coitadinho. Mas foi sempre assim. Casamos faz cinco anos no dia 15 de janeiro, pró mês que vem. Já então, na cama, era frio como o gelo. Puzeram-lhe agora umas botijas de agua quente. E depois a comida... O que mais me custava é que se fazia o gasto e elle deixava logo tudo pela bôca fóra.

E a mulher chorava—sonho dum tarde alegre de romaria logo desfolhado pela doença, em breve pela morte. Será talvez o seu Natal.

Administração do Concelho de Guimarães

Sua Ex.^a o Ministro do do Interior comunica em telegrama recebido nesta madrugada, que todos núcleos revoltosos entregaram as armas sem resistência e Machado Santos, chefe movimento revolucionário, foi preso e conduzido a bordo do Vasco da Gama.

A igreja da Oliveira

II

Não há, ao que informa o articulista *** do «Ecos de Guimarães», corporação na igreja da Oliveira encarregada do culto a quem dum modo efectivo e legal se possa reclamar um concerto nos telhados do histórico templo, evitando que a água estrague os estuques e deixe criar limo nas paredes. Manda, todavia, a lei de 20 de Abril de 1911—que emquanto a associação cultural, ou corporação por ella, não existir, o ministro da religião que preside ás cerimónias cultuais, é a pessoa moral a quem compete pôr á disposição da junta de paróquia os fundos necessários

para as despesas com a guarda e conservação dos edificios e objectos destinados ao culto.

Ora, quem é na igreja da Oliveira o ministro da religião que preside ás cerimónias cultuais? Segundo a constituição da Igreja Católica Apostólica Romana é o pároco quem preside ás cerimónias do culto na igreja da sua paróquia—e o pároco da Oliveira é presentemente o sr. Padre João Ribeiro.

Dispensa-me decerto o articulista, a quem estou respondendo, de dizer aqui como é possível ao citado eclesiástico conseguir a verba necessária para tais despesas. Se, porém, ainda não está descoberto... o ovo de Colombo, permitam-me um e outro que eu lhes lembre a quanto monta o rendimento das irmandades ali erectas e, consequentemente, que por esse rendimento demonstre a possibilidade lógica e evidente do ministro da religião conseguir a verba para... o reparo dos telhados.

Apree o articulista do «Ecos de Guimarães»: A confraria do S.S., irmandades de N. S. da Oliveira, S. Nicolau e Senhor da Agonia, teem todas um rendimento computado em *dous mil escudos*, não sendo de mais que estas corporações contribuam com uma percentagem anual para... o reparo de telhados—os telhados que afinal a todas cobre e agasalha gratuitamente.

Pode isto parecer aos católicos ortodoxos uma opinião exageradamente laicizada e separatista: se, porém, a intenção do articulista *** fór mais a de ver o caso dos telhados resolvido pelos trolhas do que o de se entreter a atirar pedras aos supostos telhados dos visinhos, bem decerto concordará comigo, pois de outro modo nem o decantado tribunal da Haia se decidirá por seu lado.

Resumindo: A lei da Separação do Estado das Igrejas não incumbe ás comissões concelhias administradoras dos bens do Estado nenhuma obrigação de olhar pela conservação dos templos. Pela mesma lei essa obrigação cumpre ás corporações usufrutuárias, e, nessa qualidade, com individualidade jurídica, ou ao ministro da religião enquanto não houver corporação habilitada. Por sua vez é a junta de paróquia a entidade proprietária que deve convidar o ministro da religião no templo da Oliveira a mandar, com urgência, fazer os necessários reparos do telhado—não fazendo aliás em tal caso senão cumprir a lei e o próprio mandato da Com. Central a quem, segundo consta, já consultou.

Tal é, sôb o ponto de vista jurídico, o aspecto da questão.

Sob o ponto de vista do monumento nacional, que o articulista, por disfarce católico, tam calculadamente fere, também o caso é curioso; e, se não estivesse escrevendo estas considerações á pressa diria demonstrativamente ao leitor—que o decreto relativo aos monumentos nacionais não embarga o cumprimento dos artigos 106.º e 107.º da lei de 20 de Abril, antes os completa e faz cumprir, pois se amanhã se verificar que o monumento é prejudicado, o culto deixará de realizar-se ali, cumprindo então á Câmara municipal vigiar pela sua conservação.

Foi nessa qualidade fiscal que a câmara mandou ali, no padrão e na torre, proceder a uns restauros; será decerto nessa qualidade que um dia a mesma câmara pensará em conseguir do Estado, a exemplo de tantas outras câmaras, um verba de alguns milhares de escudos para, pouco e pouco, se ir resgatando o histórico templo de verdadeiros crimes de lesa-arte, alguns por sinal irreparáveis...

Para fechar, direi: Se o articulista, a quem estou respondendo, é apenas movido pelo desejo de

ver defendido de prejuízos o monumento; se, acima de tudo e contra tudo quer, numa palavra, ver os telhados do templo reparados, então diga aos que da igreja se aproveitam para o culto—ás irmandades ali erectas—que melhor é que se quotizem e mandem fazer a obra, pois não há na lei um parágrafo só que os dispense dessa obrigação, antes há ali muitos artigos que lhes impõe essa obra e outras como dever.

Acha violenta esta condição? Pode, para os espiritos não prevenidos, parecer efectivamente uma violencia: mas não é. E' antes a sequência lógica derivada da dissolução duma sociedade—a sociedade que o Estado e a Igreja mantinham contra a soberania das consciências.

Sempre, de resto, estes precalços tiveram similares na história de tódos os povos e de tódos os tempos,—sendo talvez porisso que agora mesmo me está passando pela recordação um facto análogo aos pingantes da Oliveira.

Eu conto: Em tempos felizes (?) da monarquia, existiu, na igreja do convento de Santa Clara, bem antes de para lá irem os padres seminaristas, um outro padre que devotamente, em companhia do velho sacristão, teimava em celebrar ali o culto da sua religião católica. Pois bem: não obstante ser a igreja propriedade do Estado e ter o Estado, como religião official, a religião católica, que o dito padre professava, não obstante, dizia, este acôrdo de fé, o padre e mais o seu velho sacristão se queriam que sôbre os bons dos santos e santas não caissem os pingantes irreverentes das chuvas, tomavam o expediente terreno de bater no hombro dos seus seis devotos, pedindo a estes um auxiliosinho pecuniário... visto os trolhos não se compadecerem com os seus padre-nossos.

Ora, pois, já vê o articulista do «Ecos de Guimarães» que o Estado, sempreque pode, prega-a—como qualquer ateu.

A B C.

ESTIMULANDO

Alguns apaixonados da cultura musical e devotados entusiastas e amigos desta terra, ergueram-se hoje, sacudidos por uma intenção nobre que os fez agir, e na melhor das esperanças, prosseguem, alentados de boa vontade, na difícil tarefa de ver se conseguem formar nesta cidade um orfeon.

E' louvável e justo tam nobre intento, e digno do nosso aplauso tam intelligente tentamen.

E' certo que nesta terra, digamos a verdade—, tódos os intentos nascem dum rasgo forte de occasião, florecem ainda algum tempo ao calor dum entusiasmo fictício e aparente, e o mais brando sopro de qualquer inania que surja, é o bastante para que tódas as energias se debatam e todos os esforços e boas vontades se dispersem e fujam.

Infelizmente assim tem acontecido.

Não há uma idea que se sustente, inabalável, firme, debatendo-se contra todos os obstáculos, porque os indifferentes tolhem os movimentos, e os incrédulos apoiam, batem palmas, dizem bravo e sim senhor, muito contentes, e afastam-se de tudo, arredam-se

de todos, e ainda os apressados, que não podem, lentamente, resolver no cadinho da paciência todas as dificuldades duma grande obra, esfriam, desistem, porque o gosto deles, senão o da maior parte, seria ver levantar-se logo, quando do calor do primeiro entusiasmo, a obra que sonharam.

Somos desgraçadamente desta fôrça.

Ah! mas assim será inteiramente difícil conseguir-se nada.

Mudemos de processo, e para a realização desta obra já encetada, unamo-nos todos, juntemos todos os elementos, que inegavelmente os há, nesta cidade, e de primeira ordem, congreguemos todas as energias, e maduramente, lentamente, aprendamos a resolver com pachorra, sem desânimos, todas as dificuldades que surjam, prestando todos, sem distinção de classes nem posições, o melhor dos seus recursos, ao esforço e boa vontade daqueles que tentam levar a efeito uma obra tam essencialmente bela e útil.

E todos os bons vimaranenses, e mais ainda aquêles que sentem através todas as gamas íntimas da música a maviosa harmonia que deleita a alma e adormece numa consolação de sonho ideal os sentidos, devem sem relutância nem canseiras, até com certa obrigação moral, puchar a si, com amor e carinho, tanto quanto possível, aquêles que na vida representam o trabalho e a fôrça, a humildade e a rudeza, e incutir-lhes o gosto pelo canto e pela música, que é hoje, sem dúvida, um dos meios mais fortes de educação.

E educá-los assim, seria arrastá-los dos antros do vício onde se depauperam e gastam, seria preparar-lhes o espírito para a concepção clara de toda a Beleza e Arte, seria sensibilizar-lhes o coração e adocçar-lhes os amargos dias duma vida presa de trabalhos.

E assim se cria um povo de artistas, o que é o mesmo que dizer um povo de bons.

Em Portugal, onde infelizmente não florescem as ideias alevantadas de prática segura, só muito tarde vamos buscar lá fora o que é de utilidade, principiando tardíssimo a colher os benéficos resultados.

Enfim, se é certo que mais vale tarde que nunca, Portugal sempre se resolveu a introduzir nas escolas o canto coral (o que a França fez na terceira República e a Alemanha depois da decadência do feudalismo) que é sem contestação de alto alcance educativo e o único e verdadeiro ensino da música, e assim lentamente, educando os ouvidos dos pequeninos, progressivamente, preparando-lhes o cérebro e o coração, é que pode criar-se um povo de artistas e de bons.

Falamos no canto coral nas escolas, porque estamos seguramente convencidos que é a semente germinadora que espalhará mais tarde, por toda

a parte, sem custo, sem grande esforço, as associações orfeónicas.

E' o que se pretende, e o que se deseja.

Se é pois necessário dar instrução aos milhões de Portugueses que a não teem, não o é menos dar educação aos milhões de instruídos que a não possuem.

E um dos meios mais eficazes e de mais seguro êxito para o conseguir é a associação orfeónica.

Meditemos todos, traduzamos bem estas palavras dum entendido, trabalhemos um pouquinho, e produzamos, que diabo! alguma coisa de útil e bom.

E lembrar que pequeninas terras de província, como Falmalicão, Caldas da Rainha, Póvoa de Varzim, Fundão, Serpa, Santo Tirso, etc. possuem já magníficos orfeons, sobre ser uma vergonha para nós, é uma prova evidentíssima dum atraso lamentoso.

Nada de indiferentismos nem de desânimos, e trabalhemos todos, firmes, como no cumprimento dum dever, sem tergiversar, para que um dia possamos registar o que hoje com certo calor patriótico aplaudimos.

A. V.

Cantina Escolar Vimaranense

Balancete mensal do estado financeiro da Cantina, relativo a Novembro findo, alínea f) do artigo 5.º dos Estatutos:

Receita	
Saldo de Novembro . . .	1.319\$48,3
Da Irmandade de Santo Antonio, de S. Sebastião . .	4\$00
Import. de quotas cobradas .	5\$30
Soma a receita . . .	1.328\$78,3
Despesa	
Import. de pão de milho . .	24\$76,5
Idem de generos de mercearia	7\$47,5
Ordenado da cozinheira . .	3\$36
Idem da servente	2\$20
Despesas minúsculas da cozinha.	10\$07
Jornal ao hortelão	2\$50
Feitio de 178 bibes para as crianças	11\$11
7 º ao cobrador	\$37
Soma a despesa . . .	61\$85
Saldo para Dezembro . .	1.266\$93,3
sendo 1.250\$00 na Caixa Económica.	
O TESOUREIRO,	
L. A. Pina Guimarães.	

Sr. Redactor:

Para conhecimento do público e com especialidade dos donos de gados, cumpre-me fazer público o seguinte: Tendo eu em 18 de Agosto pp. segurado todo o meu gado na Companhia de Seguros «Atlântica» do Porto (Apolice n.º 19) acontece que tendo-me falecido um touro na semana passada no valor de 42 escudos, esta companhia mandou imediatamente por intermédio do seu agente em Guimarães o sr. José da Costa Rainha liquidar este prejuízo; e por ser verdade e para manter o bom crédito desta companhia, faço esta declaração que assigno. Gondomar, 11—12—916.

Manuel Joaquim Marques Guimarães.



NOTICIOSA

A "Solidária."

Esta simpática e benemérita associação dos alunos das Escolas Centrais, promove, para o dia 23 do corrente, uma brilhante sessão solene, na qual se procederá à distribuição de 92 fatos pelas crianças pobres das mesmas escolas, cumprindo-se o seguinte programa:

Canto ao Natal, pelas crianças contempladas; discurso, pelo sr. dr. Eduardo d'Almeida; *Farpela nova*, (diálogo), por dois alunos; *A minha boneca*, por uma menina; *A roca*, idem; *O gato*, idem. Por gentil deferencia para com o digno presidente do Conselho de Assistência Escolar, sr. Antonio Caires Pinto de Madureira, imitará alguns actores portugueses, recitando poesias o sr. dr. Domingos Figueiredo, distincto advogado em Barcelos.

Este acto solene realizar-se-há no teatro D. Afonso Henriques, principiando ás 21 horas, com entrada gratuita.

Assuntos militares

A Junta de Revisão de Infantaria 20, constituída pelos srs. Coronel Amado, dr. Moura Machado e alferes Diniz, e bem assim uma junta auxiliar composta dos oficiais, srs. Major José Simões da Silva Trigueiros, capitão Manuel António Lopes Sardinha e alferes médico miliciano Artur Martinho Morgado, marcham amanhã para Fafe, afim de ali procederem à reinspecção dos mancebos de 20 aos 45 anos. A Junta de Revisão, que de Fafe segue para Cabeceiras de Basto, Mondim, Celorico e Felgueiras, inspeciona os mancebos dos 30 aos 45 anos; a Junta auxiliar, que de Fafe segue para Felgueiras, Celorico, Mondim e Cabeceiras, inspeciona os mancebos dos 20 aos 30 anos de idade.

Falecimentos

Em Santa Eulalia de Barrosas, faleceu há dias a sr.ª D. Maria da Conceição da Costa Ferreira, irmã do sr. Manuel da Costa Pedrosa, prefeito e professor do Internato Municipal, a quem endereçamos o nosso cartão de sinceras condolências.

Também faleceu nesta cidade e na propecta idade de 101 anos, Maria do Carmo, solteira, exposta.

Espectáculos

O grupo scénico dos estudantes do nosso liceu foi no domingo a Fafe, dando um espectáculo no teatro daquela vila que correu com certo brilho, sendo os briosos rapazes e jovens amadores muito bem recebidos.

Na próxima segunda-feira, realiza-se no teatro D. Afonso Henriques um espectáculo cinematográfico em benefício do sr. Joaquim Feliciano Plácido Pereira, chefe de família em precárias circunstâncias e impossibilitado de trabalhar.

E' digno da protecção de todos.

Os cães hidrófobos

Ainda ha poucos dias, como aqui referimos, na freguesia de Serzedelo, várias pessoas foram mordidas por um cão que manifestava todos os sintomas de hidrofobia, encontrando-se aquelas em tratamento no Instituto Pasteur, da cidade do Porto.

Quarta feira, na freguesia de Guardizela, foi também mordido por um cão com todos os sintomas de raiva, um pobre operário e não sabemos se mais alguém. Este apresentou-se na administração do concelho, com o atestado de pobreza para confirmar, seguindo logo para o Porto, afim de sujeitar-se ao indispensável tratamento.

Estão sendo freqüentes estes casos, pelo que o melindroso assunto merece toda a atenção das autoridades.

Juros das inscrições

Estão em pagamento, desde ontem, na tesouraria do concelho, os juros do segundo semestre, do corrente ano, das inscrições da dívida interna fundada, do juro de 3 %.

Carteira

Foi nomeado sócio efectivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses, com sede em Lisboa, o nosso estimado conterrâneo sr. Alfredo Guimarães.

Foi-lhe conferida a posse no Edifício Histórico do Carmo, sendo o nosso patricio, então, alvo de uma bem significativa manifestação.

As nossas felicitações.

Acha-se quasi completamente restabelecido, o estimado e ilustre vimaranense, sr. Conde de Margaride.

Casou a sr.ª D. Maria do Céu Leite, filha do importante industrial vimaranense, sr. José Maria Leite Junior, com o sr. José Gomes de Freitas Sampaio, professor do Liceu Alexandre Herculano, do Porto.

Reuniu, terça-feira a Junta Geral do Districto. Trataram-se assuntos de interesse para o nosso concelho.

Na qualidade de presidente da Comissão Executiva da Câmara Municipal, está exercendo as funções de administrador deste concelho, o nosso amigo e prestigioso correligionário, sr. Mariano da Rocha Felgueiras.

Esteve em Coimbra, tomando parte no 3.º congresso dos médicos católicos, o sr. dr. António Baptista Leite de Faria.

Visitou oficialmente as escolas primárias da Ordem T. de S. Francisco, o Inspector do Circulo, sr. Manoel A. Ribeiro de Miranda, colhendo daqueles estabelecimentos de ensino as mais agradáveis impressões.

TEATROS

Gil Vicente e Afonso Henriques

Domingo, 17, a continuação da assombrosa pelicula

MISTERIOS DE NEW-YORK

(Drama Policial)

COM

A atmosfera venenosa

E

O VAMPIRO

uma das mais reputadas fitas que se tem exibido em todos os teatros do paiz, e que em Guimarães está sendo alvo das melhores atenções.

Domingo, 24, a continuação dos Misterios de New-York.

Sucesso!

EDITAL

Mariano da Rocha Felgueiras, Presidente da Comissão Executiva da Câmara e Administrador do Concelho:

Faz público que, enquanto se mantiver o estado de sítio, todos os estabelecimentos deverão estar fechados às vinte e duas horas, com a única excepção das casas de espectáculos públicos que poderão funcionar até às vinte e três horas.

Depois da hora do encerramento, até ao amanhecer, não será permitido o estacionamento de grupos na via pública, e qualquer indivíduo que seja encontrado em trânsito, durante as horas do encerramento, deverá justificar o seu destino, a qualquer autoridade que lho exija, sob pena de prisão imediata.

Guimarães, 14 de dezembro de 1916.

E eu, Manuel de Freitas Aguiar, secretário, o subscrevi.

Estância Termal das Taipas

(Situada a 14 quilómetros de Braga e 8 de Guimarães)

Águas meso-termas, hipo-salinas, sulfúrias, carbonatadas (sódicas e cálcicas), cleretadas, litinadas, silicatadas, fluoretadas, arsenicais, radioativas.

AS UNICAS ÁGUAS DO PAÍS PARA A CURA DAS DOENÇAS DE PELE

Tratamento das afecções dos aparelhos respiratórios, digestivos e génito-urinário; reumatismo; manifestações artríticas e sifíticas

Tratamento das doenças das Senhoras sob a direcção duma Médica

Instalações completas para electroterapia

CLÍNICOS DA EMPRESA:

Drs. Alfredo Fernandes e Celeste Azevedo Fernandes

ÉPOCA TERMAL—1 de Maio a 30 de Outubro

INTERNATO MUNICIPAL

ANEXO AO LICEU NACIONAL DE GUIMARÃES

COM DIRECÇÃO E ADMINISTRAÇÃO AUTÓNOMAS

Director pedagógico—Dr. Eduardo d'Almeida.

» disciplinar—Cónego António da Silva Ribeiro—Secretário e professor do Liceu.

» administrativo—José Caetano Pereira.

Instrução primária. Montou-se uma aula modelo com professor habilitadíssimo. Alunos internos e externos.

Instrução secundária. Cursos do liceu—no Liceu de Guimarães, no mesmo edificio. Curso de 6.ª 7.ª classes—habilitação por distintos professores. Para este curso admitem-se externos.

Instrução profissional. Curso de comércio—indispensável a todos os que se destinam à vida comercial ou desejam sair do país. Scientificamente organizado, competentemente dirigido, técnico, prático. Internos e externos. Admite-se a matrícula avulsa em qualquer cadeira. Preços convencionais para empregados de comércio.

Instrução artística. Atelier escola—Expressamente construido. Cursos de desenho e pintura—professor o distinto Artista Abel Cardozo, pintor, director e professor da Escola Industrial. Aula de música-canto-dança—por um competente professor.

Educação física e moral. Inspeção médica permanente—Médico: Dr. João de Almeida, professor do Liceu. Quartos especiais para doentes. Aula de higiene—gratuita e obrigatória para todos os internos. Balneario—duches, banhos em tinas de mármore. Educação moral e civil—palestras e conferências pelo director pedagógico. Ginásio académico—exercícios físicos. Sessões literárias e musicais. Grupo de escoteiros—Sala de armas.

A melhor casa da provincia pelas suas condições higiénicas que desafiam qualquer confronto. Tratamento abundante géneros de 1.ª ordem, e esmeradamente limpo. Direcção pedagógica moderna. Completa liberdade religiosa, atendendo-se e respeitando-se esmeradamente as indicações das famílias.

Pedir informações à SECRETARIA DO INTERNATO MUNICIPAL—Guimarães

FARMACIA NORMAL

Praça de D. Afonso Henriques, 17 a 20

Abriu no dia 31 de Janeiro este importante estabelecimento com um sortido enorme de todos os artigos farmacêuticos de maior consumo e de absoluta confiança exigidos pela moderna terapêutica.

— Ao Ex.^{mo} corpo clínico

— Aos seus amigos

— Ao público em geral

participam-no

Manoel Jesus de Sousa & C.^a

DEPÓSITO DE POLVORA DO ESTADO

Agencia da Companhia de Seguros

Portugal Previdente

Tintas, vidros, oleos, cimentos e vernizes
Completo sortido em molduras para quadros
Papel para forrar casas
Azulejos e mosaicos
Artigos para caçadores, e muitos outros artigos
pertencentes a este ramo de negócio.

DROGARIA: FERNANDES GUIMARÃES & IRMÃO SUC.^{or}

78, Rua da República—GUIMARÃES

"PROSPERIDADE,"

Companhia de Seguros e Resseguros Terrestres e Marítimos

SEDE NO PORTO: RUA DE TRAZ, N.º 7-2.º

Agente em GUIMARÃES

António José Peixoto da Costa

Rua da República n.º 144



DOMINGOS VINHAREIRO & F.^{os}

GÊNEROS DE MERCEARIA

—E—

CONFEITARIA

SERVIÇO DE PASTELARIA

Executam-se encomendas para casamentos, batizados e soirés.

ESPECIAL CAFÉ Á CHÁVENA

—DA—

BRAZILEIRA



CONFEITARIA

BRAZILEIRA

PARISIENSE

AOS FUMADORES

CIGARROS DO PARÁ

Finissimos, de aroma especial, fabricados do melhor tabaco do Estado do Pará, como seja Bragança, Akará, e outros pontos próprios desta cultura.

A' venda nas principais casas e na sede da agência

MERCEARIA TRAZ DE S. PAIO

Rua Dr. Avelino Germano, 45—GUIMARÃES

DESCONTO AOS REVENDEDORES

O REPUBLICANO

Propried. do Centro Democrático Vimaranesse
(Publica-se aos sábados)

PREÇO DA ASSINATURA

Ano	1\$30 cent.
Semestre	\$65 "
Brazil, ano (moeda forte)	2\$50 "
Número avulso	\$03 "

PREÇOS DAS PUBLICAÇÕES

Annúncios e comunicados, por linha	4 cent.
Repetição, por linha	2 cent.
Permanentes, contrato convencional.	
Annúncios, não judiciais, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.	

O Republicano

PROPRIEDADE DO CENTRO DEMOCRÁTICO VIMARANENSE

1.º Ano

PUBLICA-SE AOS SÁBADOS

Num. 36

Ao Cidadão